

Há campanha contra o Congresso?

Deputados e Senadores divergem

BRASÍLIA — Existe ou não uma campanha contra o Congresso?

O Líder do PMDB na Câmara, Pimenta da Veiga, duvida, mas ressalta que, se não há uma campanha organizada, "há uma falta de respeito muito grande pela instituição e um despreparo para viver no regime democrático".

O Deputado não quis comentar que setores estariam interessados em desmoralizar o Congresso para não admitir a existência da campanha, mas alertou para a "insistência desnecessária" que se está dando ao assunto, prejudicando a imagem do Parlamento. Pimenta admitiu que a Nova República está ferindo privilégios com medidas que são tomadas através do Congresso, como a reforma agrária e a convocação da Constituinte.

— A denúncia é uma grande contribuição que se faz ao Congresso, mas denunciar vícios que existem há mais de 20 anos e que ainda não foram corrigidos por falta de tempo não é contribuição à democracia — disse, informando que é contra a abertura de processos contra órgãos da imprensa por causa das notícias.

O Líder do PMDB no Senado, Humberto Lucena, não acredita na existência da campanha.

— Acho que está havendo desinformação e que o dever do Congresso é prestar esclarecimento. Nesse sentido, a decisão dos Presidentes do Senado e da Câmara de convocar uma cadeia nacional de rádio e televisão é precedente.

O Líder do PDS na Câmara, Prisco Viana, no entanto, acha que o Congresso está sendo alvo de uma campanha de descrédito que visa enfraquecer o regime democrático. Prisco lembrou que a campanha começou no exato momento em que o Congresso se prepara para tomar decisões importantes, mas não quis citar os nomes dos responsáveis.

— A campanha tem objetivos não claramente confessados. Tudo só vai terminar definitivamente quando o Congresso recuperar suas prerrogativas e começar, efetivamente, a decidir — afirmou.

O primeiro Vice-Presidente da Câmara, Humberto Souto (PFL-MG) identifica "uma trama orquestrada", mas não sabe precisar de onde ela parte. O objetivo da campanha, segundo ele, é provocar uma grande renovação no Congresso, substituindo grande quantidade dos atuais parlamentares por empresários, como forma de tornar a Constituinte

mais conservadora.

— Com esta campanha, que conta com a participação da imprensa, os Deputados estão sendo obrigados a permanecer em Brasília, desmoralizados, chamados de vadios e bandidos que ganham sem trabalhar, enquanto os empresários estão em suas bases eleitorais comprando votos com dólar — acusou.

Humberto Souto afirmou ainda que a muitos não interessa ver o Congresso aberto, a imprensa livre e os sindicatos funcionando.

— Isso porque as comissões parlamentares de inquérito irão apurar todas as "mamatas" feitas e isso vai incomodar muita gente.

O Vice-Líder do PMDB Heráclito Fortes (PI) concorda com Souto que existe uma campanha para desgastar o Congresso e que ela não é da imprensa, mas do poder econômico da Velha República, com o objetivo de desviar o noticiário da apuração dos grandes escândalos financeiros, como os casos Luffalla, Coroa-Brastel, Capemi e outros.

— A imprensa pagou o pato, mas não é culpada, porque apenas veiculou. O Congresso deve investigar quem está divulgando coisas para desgastar o Legislativo junto às empresas de comunicação — disse Heráclito, para quem a polêmica deve ser encerrada.

O Deputado João Gilberto (PMDB-RS) considerou positivas as críticas da imprensa na questão dos jetons pagos a parlamentares ausentes, mas acha que foi tomado "um rumo de hostilização absoluta, que já está se caracterizando como campanha, porque não tem sido seletiva, atacando o Congresso como instituição".

— A discussão pela imprensa ajudou o Congresso, porque animou as votações. Mas fotografar o plenário vazio às 14 horas, quando não há votação, não é uma crítica positiva. Podem existir, sim, segmentos do empresariado interessados em desgastar o Legislativo visando ao processo da Constituinte. Pode haver mesmo interesses diversificados, pegando carona nas notícias publicadas nos jornais — disse.

Os Senadores Nivaldo Machado (PFL-PE), Milton Cabral (PFL-PB) e João Lobo (PFL-PI) acham que não há elementos suficientes para uma resposta precisa. O Senador Américo de Souza (PFL-MA) acredita que há campanha e o Senador Aderbal Jurema (PFL-PE), que não.

Para Jurema, o Congresso sofre críticas porque é um poder desarraigado, que se impõe apenas pela força política e ética. Américo de Souza desconhece o objetivo da campanha, que lhe parece mesquinho. Se o conhecesse e soubesse quem são os autores da campanha, já os teria denunciado.

— O pior disso tudo é ser atacado por alguém que não se pode identificar e, por extensão, não se pode denunciar nem defender.

Nivaldo Machado afirmou que as acusações dão a impressão de que não são por acaso e que por trás existe algo com o objetivo de, atingindo a respeitabilidade do poder, atingir também o regime democrático.

— Dai porque defendo as prerrogativas do Legislativo e não as confundo com privilégios que possam ser concedidos aos parlamentares, porque seria incompatível com a própria essência do sistema democrático — disse. — As prerrogativas visam a garantir o livre e soberano exercício das instituições.

Milton Cabral acha que, se não existe campanha organizada contra o Congresso, há pelo menos "um inusitado interesse" de ferir a instituição através dos parlamentares, "o que é perigoso porque a desmoralização da instituição leva ao estímulo de ações contra outros poderes".

— Não se sabe se a imprensa está visando determinado fim ou se está na tentativa de informar — disse o Senador João Lobo. — Acho que é mais um afã da imprensa. Há um certo exagero, uma fixação no Congresso.

O Presidente da Associação Nacional dos Jornais, Maurício Sirotsky Sobrinho, disse que, "a despeito do noticiário sobre os fatos que ocorrem no Congresso, não existe campanha organizada da imprensa contra Deputados e Senadores". Para Sirotsky, os jornalistas que zem a cobertura diária do Congresso divulgam o que vêem.

— Estabeleceu-se uma pequena confusão sobre o assunto. A imprensa deve ter liberdade para agir, dimensionando cada tema como achar melhor — disse.

Sirotsky admitiu, contudo, que a foto e o comentário publicados pelo "Jornal de Brasília", comparando o Congresso a um circo, foram um excesso.

— Tudo aquilo que possa representar uma agressão deve ser evitado — disse.